

O escravo nos Poemas Homéricos. Origens, proveniência e inserção social.

The slave in the Homeric Poems. Origins, provenance, and social conditions.

Rui Tavares de Faria

Universidade dos Açores (UAc), Ponta Delgada, Ilha de São Miguel / Portugal

rui.mv.faria@uac.pt

<https://orcid.org/0000-0002-0529-9107>

Resumo: O presente artigo visa determinar, caracterizar e comentar as origens, a proveniência e a inserção social do escravo nos Poemas Homéricos. Após uma leitura aprofundada da *Iliada* e da *Odisseia*, é possível recolher e selecionar informação relativamente ao processo da escravatura na chamada sociedade homérica. A análise de excertos textuais permite indicar as origens do fenómeno, assim como identificar os meios pelos quais se obtêm os escravos. Além disso, a partir da épica homérica também se consegue enumerar certas regiões de onde provém a mão-de-obra escrava e descrever a condição social em que os escravos se inserem. Embora circunscrita aos Poemas Homéricos, a investigação desenvolvida fornece-nos elementos importantes para a compreensão e caracterização da escravatura na Grécia antiga noutros períodos cronológicos, como sejam a época arcaica e a época clássica.

Palavras-chave: escravo; Poemas Homéricos; origens; proveniência; inserção social.

Abstract: This article aims to determine, characterize, and comment on the origins, provenance, and social insertion of the slave in the Homeric Poems. After an in-depth reading of the Iliad and the Odyssey, it is possible to collect and select information regarding the process of slavery in the so-called Homeric society. The analysis of textual excerpts makes it possible to indicate the origins of the phenomenon, as well as to identify how slaves are obtained. In addition, from the Homeric epic it is also possible to enumerate certain regions from which slave labour comes and to describe the social condition in which slaves are inserted. Although limited to the Homeric Poems, the research developed provides us with important elements for the understanding and characterization of slavery in ancient Greece in other chronological periods, such as the Archaic and Classical periods.

Keywords: slave; Homeric Poems; origins; provenance; social insertion.

1 Introdução

Os Poemas Homéricos são determinantes para se caracterizar as origens da escravatura na Grécia antiga. Historiadores como Garland (1995), Finley (reimpr. 2003; reimpr. 2007) Harris (2012), os quais se dedicaram ao estudo da escravidão no mundo clássico, alegam que este fenómeno, tal como representado na *Iliada* e na *Odisseia*, não corresponde à realidade helénica.¹ Contudo, uma leitura atenta e aprofundada dos poemas épicos permite conhecer o tratamento literário que é dado à escravatura e à condição do escravo, nas obras que tiveram maior influência enquanto repertório da representação de figuras e *topoi* em toda a produção escrita posterior. Tanto no canto de ira de Aquiles como na viagem de regresso de Ulisses, a presença de escravos e a sua intervenção na ação revelam-se importantes para, no âmbito do nosso estudo, 1. definir e conceptualizar a escravatura na chamada sociedade homérica; 2. determinar a proveniência da mão-de-obra escrava; e 3. categorizar os tipos de escravos, de acordo com a inserção social.

Tem-se considerado a sociedade homérica como uma sociedade fictícia;² ela resulta da recriação poética que evoca, por um lado, o universo da guerra de Troia e, por outro, os acontecimentos que se lhe seguiram. Mas, atendendo a que a *Iliada* e a *Odisseia* são passadas ao registo escrito muito provavelmente no século VIII a.C.,³ há que ter em conta a ligação que se estabelece entre a matéria épica aí narrada e o leitor/ouvinte dessa mesma época. Embora dominem o relato episódios mitológicos que fazem com que, sobretudo para os recetores da atualidade, o mundo da fantasia se sobreponha ao da realidade histórica,⁴ deve reconhecer-se a verosimilhança e/ou a correspondência entre o que o poeta canta e o

¹ Harris (2012, p. 346-351).

² Fisher (1993, p. 10); Harris (2012, p. 351).

³ Esta é a data normalmente apresentada e aceita pelos helenistas. Cf. Lourenço (2019, p. 9-11); (2018, reimpr. 2021, p. 13-18). Para aprofundar a questão, *vide* West (2014, p. 3-14).

⁴ Tenha-se em conta algumas passagens e relatos de ações inverossímeis, como a estada de Ulisses e os seus companheiros na ilha dos Ciclopes ou os feitiços de Circe, por exemplo.

aedo reproduz e o cotidiano de quem ouve e/ou lê.⁵ Não é, portanto, despropositado afirmar-se que a sociedade homérica – ainda que centrada, no caso da *Ilíada*, no domínio bélico e, no caso da *Odisseia*, em diferentes meios aristocráticos – se torna, de alguma forma, num paradigma para a evolução social da Grécia antiga, ao longo dos séculos.⁶ Paralelamente, deve ter-se em atenção, como assinala Soares, que

o contato dos Gregos com outros povos remonta às migrações que, a partir do séc. XII, se sucederam ao declínio micénico, levando os Helenos às ilhas do Egeu e às costas da Ásia Menor. [...] Novo impulso expansionista dos habitantes da Hélade regista-se cerca de quatro séculos mais tarde, ao que tudo indica na primeira metade do séc. VIII, com o fenómeno da colonização. Desta vez as paragens atingidas situam-se sobretudo nos perímetros do Mediterrâneo e do Mar Negro.⁷

E como se define a escravatura no universo homérico? Trata-se de um fenómeno social de *philia*,⁸ que equipara, numa primeira perspetiva, a figura do(a) escravo(a) à condição de objeto, bem ou propriedade de outrem, que, no papel de legítimo dono, dele(a) põe e dispõe.⁹ Num outro âmbito, os Poemas Homéricos, sobretudo a *Odisseia*, concebem

⁵ Vide Morris (1986).

⁶ Vide Adkins (1997); Bennet (1997); Donlan (1997); Morris (1997); Raaflaub (1997); Souza (2007, p. 195-213).

⁷ Soares (2003, p. 17-18, n. 6).

⁸ Referindo-se ao conceito de *philia* na sociedade homérica, Oliveira (1973/1974, p. 217) assinala: “Em Homero, os termos *φιλία*, *φιλεῖν* e *φιλότις* só podem compreender-se no âmbito de uma sociedade típica, em que o *ἀγαθός*, idealmente auto-suficiente, afirma a sua *ἀρετή* num círculo de pessoas e coisas a ele ligadas.” Para um estudo mais aprofundado da questão da *philia* na obra homérica, vide Scott (1982).

⁹ Essa condição surge explícita em vários passos da épica homérica associada à objetificação da mulher escrava. Os senhores dispunham, na verdade, dos favores sexuais das escravas, como se de instrumentos se tratassem, por isso, não tinham intenção de as libertar (*Il.* 1.29-31); até as preferiam às legítimas esposas (*Il.* 1.111-115); e, como estava em causa o que a posse de um bem representava como testemunho do reconhecimento coletivo em relação aos méritos de um herói, até as reclamavam de outros guerreiros por se acharem no direito de as possuir e reter, como sucede com Briseida (*Il.* 16.56-57).

a escravatura como uma relação de pertença familiar, colocando os(as) escravos(as), que desenvolvem laços afetivos pelos donos e restantes elementos do *oikos*, quase ao nível de membros da família.¹⁰ Sendo assim, na *Iliada* e na *Odisseia*, a escravatura surge conceptualizada como um fenómeno natural; e é este o conceito que persiste no mundo antigo. Enquanto uns nascem livres e esta condição lhes permite governar e exercer a sua vontade e domínio, outros são privados da liberdade, ora desde o nascimento, ora a partir de um dado momento, normalmente de cariz sociopolítico, passando a ter de obedecer e a estar subjugados a uma autoridade que lhes é imposta.

2 Origens e proveniência

Para se compreender este servilismo, há que atender às origens da escravatura e à proveniência dos escravos, dois aspetos já presentes nos Poemas Homéricos. Aí é possível apontar três meios para a aquisição da mão-de-obra escrava: 1. a captura em contexto de guerra; 2. o rapto e/ou a captura de cidadãos em atos de pirataria; 3. o mercado de compra e venda de escravos. Em relação ao território de onde provêm, é seguro afirmar que os escravos homéricos são, na sua maioria, bárbaros. Mas também os há gregos.

¹⁰ Da *Iliada* destaca-se, a título exemplificativo, o episódio em que as escravas de Aquiles manifestam uma “angústia do coração” aquando da morte de Pátroclo, correndo porta fora à volta do Pelida (*Il.* 16.28-30), confortando-o pela dor da perda. Na *Odisseia*, são em número significativo os testemunhos dessa relação afetiva de pertença familiar. Saliente-se o caso da escrava de Laertes que dele cuida com esmero, bondade e dedicação (*Od.* 1.191-192, 24.207-212), ou a obediência de muitos dos escravos do palácio de Ulisses, os quais procuram consolar Penélope e restituir-lhe a doçura nas palavras, desde que os pretendentes se instalaram no paço real (*Od.* 15.376-379). Também Ulisses, embora se dirija à velha Euricleia num tom ameaçador quando ela o reconhece, alude aos laços de afeição que o unem à ama; por isso, pede-lhe silêncio relativamente à sua identidade (*Od.* 19.482-498). Por outro lado, a intimidade que entre patrões e escravos se faz sentir no *oikos* nem sempre é sinónimo de harmonia. Na *Odisseia*, registam-se casos de traição e de desobediência por parte de certos escravos para com os senhores (Cf. *Od.* 22.462-477).

Enquanto os Poemas Homéricos dão informações acerca da origem da escravatura, Hesíodo, em *Trabalhos e Dias*, alude apenas à compra de escravos (*Op.* 406) e não mais se pronuncia sobre a questão; refere-se sobretudo às formas de tratamento a ter para com os escravos em contexto de trabalho.¹¹ É de referir que sobre esta matéria em particular não dispomos de fontes literárias, no período cronológico que compreende os séculos VII e VI a.C., que possam contribuir para uma contextualização segura das vias através das quais o fenómeno da escravatura se foi instituindo e ampliando. Há, porém, dados importantes em matéria legislativa, como as reformas de Sólon, as quais permitem “uma distinção mais clara entre cidadãos, escravos e estrangeiros e, além disso, ajudaram na criação do modelo ateniense de uma sociedade esclavagista.”¹²

Efetivamente, é a partir das leis solonianas que se sabe, com maior segurança, que em território helénico os escravos não seriam, na totalidade, de origem bárbara. Apesar de, na *Odisseia*, esta realidade ser sugerida,¹³ pois os saques e as piratarías que integravam o rapto de crianças, homens e mulheres faziam-se, também, em solo grego, e apesar de os escravos aludidos por Hesíodo não terem uma origem determinada, Sólon alude a escravizados detentores da cidadania entre os Gregos – o que quer dizer que os havia de facto –, em particular dos que tinham sido sujeitos a esta condição injustamente (fr. 36.10-15), porque, na maioria dos casos, tinham contraído dívidas que não conseguiam saldar.¹⁴

Nos séculos V e IV a.C., as vias de obtenção da massa escrava não se alteraram. F. Javier Murcia reconhece que “é difícil saber qual a proporção de escravos em relação a cidadãos livres que existiria em

¹¹ O poeta refere-se às atitudes que o senhor deve tomar para com os escravos: adverti-los para a necessidade de construir cabanas, quando ainda se estiver no meio do verão (*Op.* 502-503); incitá-los ao trabalho na altura de cavar as vinhas (*Op.* 572-573); ordenar-lhes que devem cuidar do “trigo sagrado de Deméter” (*Op.* 597-599). Por fim, Hesíodo aconselha o seu interlocutor a procurar “servo sem família” e “serva sem filhos” (*Op.* 602) para que possam estar sempre disponíveis para as tarefas que o senhor lhes impuser, quando toda a colheita estiver acondicionada dentro de casa.

¹² Fisher (1993, p. 15). Tradução da nossa autoria.

¹³ Cf. a história de vida do porqueiro Eumeu (*Od.* 15.403-484).

¹⁴ *Vide* Leão (2001, p. 282-290).

Atenas durante a época clássica. [...] Alguns eram capturados por piratas e bandidos ou, então, durante as guerras frequentes, nas quais as mulheres e as crianças se convertiam em espólios valiosos.”¹⁵ Perante a crescente diversidade étnica que se intensifica na *polis*, é natural que o estudo sobre a estratificação e diversidade social passe a interessar, também e naturalmente, ao teatro, trágico e cómico, e aos filósofos.

Sendo, então, na sua maioria, bárbaros, importa saber a proveniência geográfica dos escravos. Nos Poemas Homéricos encontra-se um leque de respostas que deve ser explicitado e comentado. Tendo em conta o conteúdo da matéria épica cantada por Homero, os territórios de onde é oriunda a camada escrava são, à partida, aqueles onde se travam conflitos bélicos e aí é relevante assinalar-se que o fenómeno “escravatura de guerra” é comum a outras sociedades que não apenas a helénica. Ílion conta com a colaboração guerreira de outros povos, que lutam ao lado dos troianos (*Il.* 10.428-431, 434; 13.4-6),

πρὸς μὲν ἄλλος Κᾶρες καὶ Παίονες ἀγκυλότοξοι
καὶ Λέλεγες καὶ Καύκωνες δῖοί τε Πελασγοί,
πρὸς Θύμβρης δ' ἔλαχον Λύκιοι Μυσοὶ τ' ἀγέρωχοι
καὶ Φρύγες ἰππόδαμοι καὶ Μήρονες ἰπποκορυσταί.

[...]

Θρήικες οἷδ' ἀπάνευθε νεήλυδες, ἔσχατοι ἄλλων,

[...]

ἰπποπόλων Θρηικῶν καθορώμενος αἶαν
Μυσῶν τ' ἀγγεμάχων καὶ ἀγαυῶν Ἴππημολγῶν
γλακτοφάγων, Ἀβίων τε, δικαιοτάτων ἀνθρώπων.¹⁶

Para o lado do mar estão os Cários, os Peónios de arcos recurvos

e os Léleges e os Caucones e os divinos Pelasgos.

Para as bandas de Timbra ficaram os Lícios e os Mísios senhores,

Frígios domadores de cavalos e Meónios dos carros de combate.

[...]

¹⁵ Javier Murcia (2012, p. 48).

¹⁶ Para as citações da *Iliada*, segue-se a edição de M. M. Willcock.

Afastados estão os Trácios adventícios, últimos de todos.
[...]
E olhou para longe, para a terra dos cavaleiros Trácios
E dos Mísios, aguerridos combatentes, e dos Hipemolgos,
que bebem leite de égua, e dos Ábios, homens justíssimos.¹⁷

Ora, o que sucederá com todos estes homens depois de terem sido derrotados pelos Aqueus, que também contam, por seu turno, com a colaboração de outros povos, como os enumerados no Catálogo das Naus, no Canto II? Parece inequívoco que todos estes bárbaros serão naturalmente capturados e escravizados pelos Gregos. Todo o fenómeno se torna numa espécie de círculo vicioso. Desta realidade é legítimo prever-se que os escravos de guerra incorporados na sociedade grega provêm, desde tempos remotos, de terras diferentes, confirmando-se a heterogeneidade e o exotismo da barbárie submetida à escravidão.

Se quisermos atentar no caso específico da escravatura feminina, verificamos que o mesmo cenário sucede com as mulheres. De acordo com as informações da *Iliada*, Criseida procede de Tebe, a sagrada cidade de Eécion (*Il.* 1.366-369), e Briseida, de Lirnesso (*Il.* 2. 687-691). Ao serviço de Hécuba estão “mulheres sidónias, que da Sidónia trouxera o próprio Alexandre divino, quando navegou o mar vasto naquele caminho em que trouxera a nobre Helena” (*Il.* 6. 289-292). A própria Andrómaca é oriunda da “cidade bem habitada dos Cilícios”, localidade arrasada por Aquiles (*Il.* 6.413-416, 425-427); não foi, porém, e segundo o testemunho da *Iliada*, escravizada, como sucedeu com a sua mãe.

Também na *Odisseia* o espectro étnico que caracteriza a proveniência dos escravos é relativamente diversificado. Na viagem de regresso a Esparta, Menelau diz a Telémaco e ao filho de Nestor que, entre sofrimentos e errâncias, tinha trazido “para casa as riquezas nas naus” (*Od.* 4.82) dos territórios por onde havia andado perdido: Chipre, Fenícia, Egito, Etiópia, país dos Erembos e dos Sidónios, Líbia (*Od.* 4.83-85). É, pois, expetável que a bordo tenham vindo – como resultado de raptos, saques e capturas em contexto bélico – escravos destas regiões, entre

¹⁷ Salvo indicação contrária, para a versão portuguesa da *Iliada*, segue-se a tradução de Frederico Lourenço.

o “muito sustento” (*Od.* 4.90) que o Atrida tomou para seu. Exemplo idêntico é narrado por Ulisses na corte de Alcínoo. O rei de Ítaca relata que de Ílion foi levado pelo vento até aos Cícones e até ao Ísmaro e aí praticou saques e, em conjunto com os companheiros, levou “as mulheres e muitos tesouros” (*Od.* 9.39-42).

No relato que Ulisses inventa quando é recebido por Eumeu, para que este o não reconheça, o herói alude a um conjunto de situações que, de certa forma, refletem a realidade da escravidão naquele tempo. Ele próprio se diz filho de uma “concubina comprada” (*Od.* 14.202-203); imagina navegações que não fez pelo Egito, onde teria acumulado muita riqueza, mas acabaria vendido na Líbia por um fenício que o enganara por um ano (*Od.* 14.285-297) e seria feito escravo. Nesta condição, Ulisses teria embarcado numa nau de Tesprócios rumo a Dulíquio (*Od.* 14.339-343). O próprio Eumeu provém da Síria (*Od.* 15.403) e a sua história de vida (*Od.* 415-484) evidencia uma das vias de sujeição à escravatura, operada entre bárbaros: é roubado pela ama que, proveniente de Sídon, havia sido raptada pelos Táfiros e decide embarcar na nau de uns “manhosos Fenícios”, seus compatriotas, que a seduziram. Até a velha escrava que cuida de Laertes é siciliana (*Od.* 24.389).

3 Inserção social

Procedentes sobretudo de territórios bárbaros e subjugados à escravidão, qual é a condição jurídico-social¹⁸ da massa servil que constitui boa parte da população da Hélade? Embora os escravos públicos, que são pertença da *polis*, detenham um estatuto diferente dos escravos domésticos, os que atuam no foro privado e familiar do *oikos*, isto não significa uma regalia em termos de liberdade. Na verdade, desde a sociedade homérica à época clássica,

juridicamente os escravos eram coisas sem quaisquer direitos ou garantias: não podiam possuir bens, nem constituir família, nem conservar os filhos junto de si. Equiparados a animais ou a ferramentas automoventes e sujeitos à compra e venda, faziam parte do tipo a que se

¹⁸ Para um estudo mais aprofundado sobre o estatuto jurídico dos escravos, *vide* Cohen (2007).

costuma dar o nome de “escravo-mercadoria”. Uma coisa, no entanto, é o estatuto jurídico do escravo em Atenas e outra a sua situação real e a vida que efetivamente levava e lhe era permitido levar.¹⁹

Assim, tanto na *Iliada* como na *Odisseia* os escravos são, na sua maioria, equiparados a elementos que integram o conjunto de bens e propriedades de um *aristos*. Fazem parte dos despojos de guerra (*Il.* 16.56-57, 85-86; 18.28-30; *Od.* 4.81-85; 14.263-265); são comprados como se fossem mercadoria (*Od.* 14.285-286, 452) ou adquiridos por meios menos ortodoxos, como os raptos desencadeados por piratas (*Od.* 15.425-429). Do mesmo modo que o cidadão possui casa e terras, é também dono legítimo dos escravos que constituem a principal mão-de-obra que desempenha as mais diversas tarefas domésticas e trabalhos no campo. Esta é a condição social da camada escrava que perdura ao longo dos séculos.

Quanto à inserção social do escravo, esta é determinada pela condição e pelo estatuto que tem no meio ou ambiente em que está presente. Em que domínios atua? Quais as tarefas que lhe são imputadas? Para caracterizar e comentar a integração da camada escrava no meio social deve responder-se às questões levantadas, tendo como primeira referência a tradição homérica. Num primeiro momento, importa atentar no âmbito social em que os escravos operam. Por um lado, há o espaço público, que exemplifica o domínio macrosocial, e, por outro, o espaço privado, *grosso modo* circunscrito ao *oikos* e às valências dele dependentes, como os campos de cultivo e/ou as pastagens destinadas à criação de gado. Há que estabelecer, portanto, os traços caracterizadores dos escravos de acordo com o domínio de atuação.

O âmbito público diz respeito ao macro-espaço que integra o quotidiano da vida política. Da tradição épica não constam testemunhos em número abundante relativamente ao *modus operandi* dos escravos nesta dimensão social. Na *Iliada*, o campo de batalha é a área por excelência onde decorre a ação principal. Que escravos aí operam? Pode considerar-se dois grupos de serviços que, apesar de não serem

¹⁹ Ribeiro Ferreira (1996, p. 176).

incluídos na mão-de-obra escrava tal como esta é concebida em termos históricos, antropológicos e sociológicos, não deixam de desempenhar um papel muito próximo daquele que efetuam certos escravos. São eles os arautos e os escudeiros. Os primeiros intervêm *a priori* na qualidade de mensageiros e a sua condição não é clara no que toca à sua liberdade enquanto indivíduos (*Od.* 1.143; 3.338). Os segundos colaboram com os soberanos e os estrategas de alta patente no cumprimento do dever que lhes é imposto – combater e guerrear –, muito provavelmente convertidos em escudeiros (*Il.* 9. 68, 86; 12. 196).

Na *Odisseia*, as ações narradas decorrem em vários espaços microsociais: ora nos palácios dos heróis de Troia, ora em ilhas dominadas pela presença do divino (como a ilha de Calipso e a de Circe), ora nas casas, nos palácios e/ou nos aposentos de certas personagens. Não há localização que se possa dizer pública *stricto sensu*. Contudo, o recrutamento de mancebos, de entre o povo dos Feaces, para integrarem a viagem de Ulisses de regresso a casa, tal como imposto por Alcínoo, mostra como estes jovens podem viver numa condição semelhante à dos *demosioi* (*Od.* 8. 35-49).

Ora, quando se passa da lógica palaciana para a construção de uma *polis*, a condição social dos escravos tem de adaptar-se. Como Wrenhaven assinala, relativamente à época clássica, que “escravos públicos ou pertencentes ao estado (*demosioi*) eram empregados como testadores/detetadores de moedas (*dokimastês*), assistentes administrativos (*grammateis*), faziam o controle de multidões, o saneamento público e desempenhavam outros empregos considerados inadequados para os cidadãos,”²⁰ não poderão os escudeiros da *Iliada* e da *Odisseia* e os arautos presentes na épica homérica serem vistos, também, como escravos públicos? Dadas as implicações políticas em que a atuação destas personagens ocorre, é de dar crédito a esta hipótese. O que fazem os escudeiros na *Iliada*? Tomam parte nos conflitos bélicos, às ordens de um rei, um comandante ou um estratega de alta patente. De que trabalhos são incumbidos os arautos no “canto de ira de Aquiles”? Os de noticiar episódios e os de serem portadores de assuntos diretamente relacionados

²⁰ Wrenhaven (2012, p. 91). Tradução da nossa autoria.

com a guerra. Não serão estas também tarefas servis, à semelhança do que se exige, por exemplo, aos escravos domésticos?

No domínio privado impõe-se considerar o escravo sob duas esferas de ação: uma delas diz respeito aos chamados *khōris oikountes*, i.e., os escravos que não moram nas casas onde trabalham,²¹ e a outra prende-se com os serviçais domésticos residentes no *oikos*. Paralelamente, importa caracterizar estes escravos segundo o género (masculino vs. feminino) e analisar, quando possível, a existência e o estabelecimento de hierarquias entre a criadagem no universo doméstico.

Atenha-se o olhar, em primeiro lugar, nos escravos que não coabitam com os patrões. O que potencia esta situação? Por um lado, integram este grupo de servos aqueles que exercem funções fora do espaço físico a que corresponde a casa e as suas divisões interiores. Estes criados encarregam-se dos trabalhos agrícolas ou da supervisão do cumprimento das tarefas por parte de outros escravos. A *Odisséia* apresenta um exemplo deste estatuto: o caso de Eumeu, o porqueiro de Ulisses, o qual habita na sua própria casa e tem a seu cargo a intendência sobre outros serviçais (*Od.* 14.3b-4, 6-20, 24-27). Também Hesíodo se refere ao trabalho no campo realizado pelos escravos (*Op.* 502-503, 572-573, 597-608), mas não se percebe se fazem parte da categoria dos *khōris oikountes*.

Por outro lado, é ainda possível que possam experienciar a não coabitação com os amos aqueles escravos a quem se reconhece – embora não gozando da manumissão – lealdade e em quem se confia ao ponto de lhes ser permitido constituir família e morar num local que não é o domicílio do senhor. Apesar de não haver *testimonia* precisos quanto a esta possibilidade, deve tomar-se em conta as promessas de concessão de liberdade por parte dos senhores (*Od.* 14.59-67) como um exemplo que poderia resultar no estatuto de *khōris oikountes*. É legítimo ponderar-se que, até à aplicação efetiva da manumissão, os escravos afetos a essa garantia gozassem de autonomia para morar à parte do patronato. Na *Odisséia*, esta situação parece ter sido experimentada pelos escravos fiéis do soberano de Ítaca: Eumeu (*Od.* 21.207-220) e Filécio (*Od.* 21.240).

²¹ Para um estudo mais aprofundado da categoria dos *khōris oikountes*, vide Kamen (2011); Canevaro & Lewis (2014).

Quanto às mulheres escravas, também se pode pensar que algumas não vivessem na mesma casa que os senhores. Esta ideia é sugerida em duas passagens da *Odisseia*. A primeira dá conta da tristeza de Penélope, quando “em seu redor choravam também todas as escravas que, novas e velhas, estavam na casa” (*Od.* 4. 719-720). O facto de estarem estas servas no palácio naquele preciso momento permite especular sobre se haveria outras ausentes, porque cumpriam tarefas no exterior ou porque não coabitavam com a senhora. Neste último caso, podem ser escravas com famílias, que moram em domicílio próprio e apenas se deslocam ao palácio para o desempenho de certos trabalhos domésticos. A segunda passagem diz respeito à administração das lidas no palácio de Circe: “eram quatro que ela tinha como servidoras dentro de casa” (*Od.* 10. 348-359), o que pressupõe a existência de outras que a feiticeira mantém fora do *oikos*.

A residir permanentemente na casa dos patrões – não raras vezes desde o nascimento –, regista-se um número considerável de escravos. Tanto na *Iliada* como na *Odisseia*, os senhores detêm sob a sua tutela criados para todo o tipo de afazeres domésticos. Como a presença e a atuação determinam a existência de uma hierarquia entre os escravos coabitantes do *oikos*, é necessário um olhar atento sobre os elementos femininos, uma vez que, nos Poemas Homéricos, as escravas surgem em proporção maior do que os congéneres masculinos. Do grupo de servas residentes deve começar-se por evidenciar a ama.

A ama, que desempenha o papel de cuidadora dos filhos da casa, tem um estatuto privilegiado. Ela goza de maior intimidade com os patrões, particularmente com a senhora, e contribui diretamente para o processo da *paideia* das crianças. Esta condição coloca-a, desde logo, no topo da hierarquia dos escravos domésticos. Na *Iliada* faz-se referência a uma “serva bem vestida” (*Il.* 6.371-373), a ama do filho de Heitor e de Andrómaca. Na *Odisseia*, o poeta configura um novo paradigma da ama através de Euricleia. Na verdade, a “filha de Ops, que era filho de Pisenor, que outrora Laertes comprara com os seus bens, sendo ela ainda jovem, pelo preço de vinte bois” (*Il.* 1. 429-431), influencia, pelo seu *ethos* e *modus operandi* na relação com os senhores, toda uma tradição literária, com claro efeito na produção trágica.

Além de ter assumido as funções de *trophos*, tanto de Telémaco (*Od.* 1. 435; 2. 347-351, 372) como de Ulisses (*Od.* 19. 482-483), Euricleia é também a governanta do palácio: dá ordens às outras escravas (*Od.* 19. 89-95) e instrui-as no cumprimento devido das tarefas (*Od.* 20. 147-162). E que trabalhos domésticos realiza a criadagem sob a supervisão dos escravos mais velhos – e logo mais experientes – no dia-a-dia do *oikos*?

No quotidiano do lar, a labuta exige da parte dos escravos – tanto os homens como as mulheres – o cumprimento de atividades variadas e é sobre esta atuação que se impõe agora refletir. Apesar de o universo homérico não corresponder de facto à realidade dos Gregos da época arcaica e da época clássica, é de acreditar que, de um modo geral, a listagem de ofícios dos quais são incumbidos os escravos desse “mundo ficcional” não há de diferir muito do que efetivamente se fez ao longo dos séculos. Os *aristoi* que habitam em palácios, rodeados pelo luxo e pela opulência, têm sob o seu comando um número consideravelmente maior de escravos do que o camponês da Atenas clássica; este tem ao seu cuidado um património que não se compara ao daqueles e isto também se traduz no cômputo de serviços. Independentemente do meio sociofamiliar onde atuam os escravos, o que lhes ocupa a atuação diária é a execução de uma série de funções associadas à economia da casa e à sua manutenção.

Ao nível do interior do *oikos*, o trabalho doméstico exige aos escravos o cumprimento de uma variedade de tarefas, as quais se reportam a diferentes domínios, como os afazeres desempenhados no âmbito da hospitalidade, os executados no plano familiar e, no caso particular das escravas, os labores desenvolvidos junto da sua senhora e que apenas ao universo feminino dizem respeito. Por outro lado, fora de casa também cabe ao escravo doméstico um conjunto de funções que dependem diretamente da economia do lar. Aí há que ter em conta o trabalho no campo, as idas ao mercado e outros recados pontuais, que permitem ao criado ausentar-se do *oikos* e contactar, de certa maneira, com a realidade da *polis*.

Considerando, primeiramente, os papéis desempenhados pela criadagem dentro de casa, atente-se na colaboração que prestam ao nível

da hospitalidade, norma social muito respeitada pelos gregos. Ainda que numa ótica palaciana, a *Iliada* e a *Odisseia* dão a conhecer um conjunto de escravos domésticos que cumprem com apuro os requisitos impostos para a recepção e acolhimento dos hóspedes. Seja em contexto de guerra, como sucede no canto de ira de Aquiles, onde o *oikos* se converte na tenda do acampamento povoado por soldados, seja num âmbito quase exclusivamente aristocrático, como se verifica na *Odisseia*, ao longo das paragens feitas por Ulisses ou durante a viagem de Telémaco ou, ainda, quando o soberano de Ítaca chega, por fim, à sua terra, a hospitalidade é *grosso modo* assegurada pelo trabalho dos escravos.

Para receber os convidados ou até os visitantes imprevistos, os criados e as criadas auxiliam na preparação da bebida, mostrando saber como dosear o vinho e a água com que os senhores saúdam os seus hóspedes (*Il.* 11.624-631; *Od.* 1.136, 139-143, 146-148). Do mesmo modo, quando se trata de preparar um festim de boas-vindas, entram ao serviço os escravos. Telémaco é recebido por Nestor (*Od.* 3.338-339, 427-429, 479-480) e por Menelau (*Od.* 4.49-52, 122-125, 133, 213-214, 296-301, 682-683) com alegria e festança, tal como permite a hospitalidade aristocrática. Também Ulisses é acolhido a preceito na corte de Alcínoo: os escravos preparam-lhe a cama (*Od.* 7.335-342); dão-lhe banho (*Od.* 8.433-436) e ungem-no com azeite (*Od.* 8.454). O mesmo sucede quando o viajante volta à ilha de Circe, onde são cumpridos os rituais da hospitalidade pelas escravas da feiticeira (*Od.* 10.371, 12.18-19), e quando aporta, finalmente, a Ítaca. Aí, é Eumeu quem o recebe, conforme prescrito e de acordo com o que lhe pode oferecer, pois ele é, na realidade, um escravo, convertido em anfitrião do seu senhor (*Od.* 14.59-67, 449-452). O cumprimento destas tarefas mostra que, independentemente da origem e da proveniência, o escravo doméstico está, uma vez em solo grego e para mais na intimidade do *oikos*, sujeito a um processo de aculturação intensivo.

Tal como no ambiente palaciano é comum organizar-se um banquete em sinal de bem-receber, também nos acampamentos militares o respeito pelas normas do bom acolhimento é cumprido com esmero, dentro das contingências impostas por um cenário bélico. Assim, não é descuidado o banho dos hóspedes nem a unção dos corpos com azeite (*Il.*

10.577, 22.442-44) e, na eventualidade de terem de pernoitar no local, os leitos são devidamente preparados (*Il.* 9.658-659, 24.643-648) para proporcionar ao visitante as condições que uma boa hospitalidade requer.

Mas os banquetes e os festins são ocasiões especiais e não reproduzem o dia-a-dia igualmente atarefado do escravo doméstico. Tendo acesso às várias divisões do *oikos*, torna-se evidente que os criados estão e circulam por toda a parte. Associadas à preparação dos alimentos, surgem tarefas como a moagem dos cereais (*Od.* 7.103) ou o tratamento da lenha para o forno (*Od.* 20.161). No momento das refeições, os escravos põem e levantam a mesa (*Od.* 7.232, 20.151-153) e, havendo falta de luz natural, seguram as tochas (*Od.* 7.100-102) que iluminam o compartimento onde comem os patrões, os outros familiares e os eventuais convivas. Além destes afazeres, cabe-lhes, ainda no âmbito das limpezas, varrer e salpicar a casa (*Od.* 20.149), para estar tudo em condições de ser ornamentado ou enfeitado (*Od.* 20.150).

No gineceu, as escravas fabricam tecidos ao tear, fiam a lã e fazem girar as rocas (*Od.* 7.103-106), certamente sob a supervisão da senhora ou da serva mais velha e experiente, convertida em governanta. Estão garantidos os meios para a confecção têxtil de roupas e de outros apetrechos para o uso doméstico e familiar. Tal como são as criadas que fazem as peças de vestuário, são também elas quem se ocupa com o respetivo tratamento, em termos de limpeza, estando, por isso, encarregadas de lavar a roupa e deixá-la secar (*Od.* 6.88-101, 15.420). Ademais, é-lhes incumbido também ir à fonte buscar água, tarefa árdua à qual Heitor faz alusão no momento em que se despede de Andrômaca (*Il.* 6.458), para quem o homem não quer uma vida de escrava, pois ela é “mulher de Heitor, que dos Troianos domadores de cavalos era o melhor guerreiro, quando se combatia em torno de Ílion” (*Il.* 6.460-461). O cumprimento das funções domésticas promove e favorece a intimidade entre os elementos do clã feminino do *oikos*. Assim, é perfeitamente normal que as escravas façam companhia às senhoras, não só dentro dos muros do palácio, como acontece, por exemplo, com Penélope (*Od.* 1.335, 362, 16.413), mas também nas saídas para o exterior, como sucede com Nausícaa, quando se dirige à beira-mar para tratar da lavagem da roupa (*Od.* 6.17-19, 52-53, 84).

Relativamente a outras atividades executadas fora do *oikos*, importa deter a atenção naquelas das quais está incumbida a criadagem masculina. Compete aos escravos aparelhar o carro, atrelando-lhe as mulas, para os patrões saírem (*Od.* 6.69-73); zelar pela propriedade (*Od.* 14.3b-4), construindo recintos para os animais (*Od.* 14.6-20) e cuidando deles (*Od.* 4.37-40, 14.24-27). Paralelamente, são eles que vão lavrar os campos (*Od.* 15.379) e estrumá-los (*Od.* 17.299), para que sejam férteis e propícios em termos de colheitas.

4 Conclusão

Da leitura dos cantos homéricos conclui-se que a proveniência dos escravos em solo grego é amplamente diversificada. Embora este tipo de referências seja inexistente na obra hesiódica e escasso na produção literária grega dos séculos VII e VI a.C., as fontes da época clássica confirmam que, em Atenas, a camada escrava continua a provir das mais variadas regiões do Mediterrâneo, do Egeu e da Ásia.²² A produção dramática dos séculos V e IV a.C. dá conta de cenários semelhantes, tanto ao nível das origens, como no âmbito da proveniência dos escravos. Quer na tragédia, quer na comédia, os meios de obtenção da massa escrava são os mesmos que encontramos nos Poemas Homéricos, i.e., rapto, cativo de guerra e comércio de escravos, e as regiões geográficas de onde provêm os serviços também se repetem. Por isso, é legítimo afirmar-se que a informação recolhida e analisada da *Iliada* e da *Odisseia* assume um carácter paradigmático no que toca à determinação e caracterização das origens e da proveniência dos escravos na Grécia antiga.

Do mesmo modo, os exemplos retirados dos Poemas Homéricos comprovam a natureza multifacetada das funções que os escravos domésticos executaram; e não se trata de um cenário exclusivo da sociedade dita homérica. São estas as tarefas que persistem ao longo dos

²² Veja-se, a título exemplificativo, o caso de Eurípides. Ao dedicar pelo menos três dramas ao desfecho da guerra de Troia, não estará o tragediógrafo também a representar, através da presença das cativas de guerra, a proveniência multiétnica das escravas em Atenas? Apesar de circunscrito à camada aristocrática e à procedência das escravas como prisioneiras de batalha, não farão parte do coro das troianas, no cenário ficcional do teatro, as mulheres dos outros bárbaros que se aliaram a Heitor contra os Aqueus?

tempos e outras fontes literárias dão precisamente conta disso. Embora Hesíodo se refira apenas ao trabalho agrícola, o qual envolve sobretudo mão-de-obra escrava no masculino, os poetas trágicos integram nalgumas produções o quotidiano atarefado da criadagem, mostrando que, no âmbito doméstico e familiar, nem as senhoras vivem desprovidas de um séquito servil, nem os senhores privados dos seus escravos.

Veja-se, a título exemplificativo, o caso de Clitemnestra no *Agamémnon* de Ésquilo. Quem se ocupa dos preparativos para receber o Atrida? São as escravas domésticas. A rainha não só se dirige às servas que ornamentam o chão com as tapeçarias finas (*Ag.* 906-912), como também alude aos “demais escravos junto do altar protetor dos bens domésticos” (*Ag.* 1038-1039), quando recebe Cassandra, a bárbara cativa, prémio de guerra de Agamémnon, informando-a de que passará a integrar o conjunto dos criados de que dispõe. No plano masculino, há os escravos que, convertidos em moços de recados, se encarregam de ir chamar o patrão, estando este fora do palácio (*OT* 950), e os que se dedicam à pastorícia e ao tratamento das terras do senhor, tarefas que estiveram ao cuidado do velho criado de Laio (*OT* 1125).

Mas os exemplos multiplicam-se no teatro de Eurípides. Em peças como as *Troianas* ou *Helena*, são evocadas muitas das atividades a que os escravos domésticos estão submetidos, desde a épica homérica. No âmbito masculino, continuam a ser os escravos os preferencialmente incumbidos de funções no exterior do *oikos*, como, por exemplo, a de arauto ou a de portador de recados (*Tr.* 425-426). Dizem também respeito aos escravos a guarda e a proteção do palácio (*Tr.* 786-788), tarefas que exigem, no fundo, um maior esforço físico.

No domínio feminino, é com desagrado que Hécuba, tornada escrava nas *Troianas*, se refere às lidas domésticas como sendo os “trabalhos mais insuportáveis” (*Tr.* 491) que se pode ter na velhice; e também Helena, em circunstâncias idênticas, alude às “agruras que [a] esperam” (*Hel.* 330) no interior da sua nova morada. Do rol de tarefas destinadas às aristocratas prisioneiras de guerra constam aquelas que eram, naturalmente, impostas por elas às suas escravas: estar de guarda à porta (*Tr.* 194, 493; *Hel.* 437-440); cuidar de crianças (*Tr.* 195); fiar e trabalhar no tear (*Tr.* 199-200); transportar água (*Tr.* 205-206); amassar

o pão (*Tr.* 494). Todo este cenário concorre para o que Hécuba chama de vida penosa e miserável (*Tr.* 206, 495-497).

Assim sendo, o que nos é apresentado nos Poemas Homéricos relativamente às origens, à proveniência e à inserção social do escravo constitui informação relevante para a caracterização de certos aspetos da prática da escravatura na Grécia antiga.

Referências

ADKINS, Arthur William Hope. “Homeric Ethics”, *In*: MORRIS, Ian; POWELL, Barry B. (eds.). *A New Companion to Homer*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1997. p. 694-713.

BENNET, John. “Homer and the Bronze Age”, *In*: MORRIS, Ian; POWELL, Barry B. *A New Companion to Homer*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1997. p. 511-534.

CANEVARO, Mirko; LEWIS, David. “Khoris oikountes and the obligations of freedmen in late classical and early Hellenistic Athens”, *Incidenza dell’antico*, v. 12, 2014, p. 91-121.

COHEN, Edward E. “Slave Power at Athens: Juridical Theory and Economy Reality”, *In*: COUVENHÉS, Jean-Christophe; MILANEZI, Silvia (eds.). *Individus, groups et politique à Athènes de Solon à Mithridate*. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais, 2007. p. 155-169.

FINLEY, Moses Israel. (ed.). *Classical Slavery*. 3 ed. London and New York: Routledge, 2003.

FINLEY, Moses Israel. (ed.). *Économie et société en Grèce ancienne*. 2 ed. Paris: La Découverte, 2007.

FISHER, Nicolas Ralph Edmund. *Slavery in Classical Greece*. London: Bristol Classical Press, 1993.

GARLAN, Yvon. *Les esclaves en Grèce ancienne*. Paris: Éditions La Découverte, 1995.

HARRIS, Edward M. “Homer, Hesiod, and the «Origins» of Greek Slavery”, *Revue des Études Anciennes*, v. 114, n 2, p. 345-366, 2012.

Disponível em: <https://www.revue-etudes-anciennes.fr/wp-content/uploads/2020/03/harris-2-2012.pdf>. Data de acesso: 17 out. 2024.

JAVIER MURCIA, F. “Escravos em Atenas, a vida sem liberdade”. *National Geographic. Edição Especial Cultura. A vida quotidiana no Egito, na Grécia e em Roma*, RBA Coleccionables, S.A.U.: p. 48-51, 2012.

KAMEN, Deborah. “Reconsidering the status of *khôris oikountes*”. *Dike*, n. 14, p. 43-53, 2011. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/Dike/article/download/2843/3037/10651>. Data de acesso: 17 out. 2024.

LEÃO, Delfim. *Sólon. Ética e Política*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LOURENÇO, Frederico. *Iliada. Homero*. Lisboa: Quetzal, 2019.

LOURENÇO, Frederico. *Odisseia. Homero*. Lisboa: Quetzal Editores, 2018, reimpr. 2021.

MORRIS, Ian. “Homer and the Iron Age”, In: MORRIS, Ian; POWELL, Barry B. (eds.). *A New Companion to Homer*. Leiden/New York/Köln: Brill, p. 535-559, 1997.

MORRIS, Ian. “The Use and Abuse of Homer”, *Classical Antiquity*, v. 5, n. 1, p. 81-138, 1986. DOI: <https://doi.org/10.2307/25010840>.

OLIVEIRA, Francisco. “O conceito de ΦΙΛΙΑ de Homero a Aristóteles”, *Humanitas*, v. 25-26, p. 217-235, 1973/1974. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316.2/29417>. Data de acesso: 17 out. 2024.

PULQUÉRIO, Manuel Oliveira. *Ésquilo. Oresteia. Agamémnon. Coéforas. Euménides*. Lisboa: Edições 70, 2008.

RAAFLAUB, Kurt A. “Homeric Society”, In: MORRIS, Ian; POWELL, Barry B. (eds.). *A New Companion to Homer*. Leiden/New York/Köln: Brill, p. 624-648, 1997.

RIBEIRO FERREIRA, José. *Civilizações Clássicas I. Grécia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.

SCOTT, Mary. “Philos, philotes and xenia”, *Acta Classica*, v. 25, p. 1-20, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24591786>. Data de acesso: 17 out. 2024.

SOARES, Carmen. *A Morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.

SOUZA, Jovelina. “A poesia grega como *paidéia*”, *Princípios*, v. 14, n. 21, p. 195-213, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/49>. Data de acesso: 17 out. 2024.

WEST, Martin L. *The Making of the Odyssey*. Oxford: University Press, 2014.

WILLCOCK, Malcolm Maurice. *Homer. Iliad I-XII*. London: Bristol Classical Press, 1978, reimpr. 2001.

WRENHAVEN, Kelly L. *Reconstructing the Slave. The Image of the Slave in Ancient Greece*. London/New York: Bloomsbury, 2012.